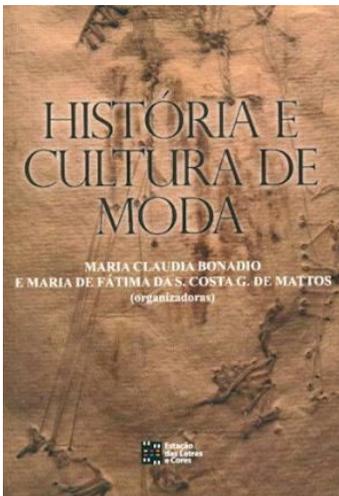


## **MODA: CALEIDOSCÓPIO DA MODERNIDADE**

Humberto Torres<sup>28</sup>



Resenha de BONADIO, M. C.; MATTOS, M. F (org.).  
**História e cultura de moda.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. **ISBN:** 8560166513

O livro *História e cultura de moda*, organizado pelas professoras Maria Claudia Bonadio e Maria de Fátima Mattos, chegou ao mercado este ano pela Estação das Letras e Cores, apresentando uma série de 13 ensaios de pesquisadores brasileiros que assumem a profícua discussão que pauta a relação entre moda e história. Baudelaire, o poeta da modernidade, não deixou de ressaltar, em seu célebre ensaio sobre o pintor Constantin Guy, a relevância artística e, sobretudo, histórica das gravuras de moda, considerando a capacidade de essas imagens captarem o espírito da época nos traços dos rostos e nos trajes dos retratados.

Walter Benjamin, que dedicou boa parte de sua produção ao estudo da obra do poeta francês, também volta sua atenção para a moda como elemento constituinte de seu imaginário crítico da sociedade moderna. Trata-se aqui de um filósofo da cidade na cidade, como nos diz Olgária Matos. O grande símbolo de seu pensamento será exatamente o

---

<sup>28</sup> Mestre em Literatura Brasileira (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ).

espaço urbano, através do qual evoca as fantasmagorias da vida moderna, condensa o basilar conceito de *flânerie*.

Não por acaso, o ensaio que introduz o livro aqui resenhado acolhe justamente a relação da moda com uma cidade, o Rio de Janeiro do início do século XX, cujo urbanismo foi intimamente influenciado pelos bulevares parisienses do século anterior. Aqui, a jovem pesquisadora Rosane Feijó constrói seu texto, sublinhando que as mudanças urbanísticas e arquitetônicas também ecoam nos hábitos e costumes do povo. Assim o espetáculo do olhar, de ver e ser visto, ganha novas perspectivas com a construção da avenida central carioca, transformando rua em passarela.

Os homens elegantes da época – os *smarts* – tornam-se os alvos preferidos dos colonistas sociais e fotógrafos que registram a mudança do cenário histórico assim como a substituição dos rigorosos trajes escuros de influência européia por vestimentas mais confortáveis e práticas que valorizavam o trabalhador ativo, acompanhando o despontar de Nova York como o novo modelo de cidade moderna no lugar de Paris.

A cidade, mais do que qualquer outra paisagem, condensa as contradições inerentes à modernidade. Nesse sentido, parece lógico a organização do livro ter escolhido como ensaio responsável pelo seu desfecho justamente aquele que adota mais claramente a concepção benjaminiana da moda. Fica a cargo da professora Vanessa Salles abordar o jogo dialético assumido pela moda de resgate do passado para se fabricar o novo. A autora observa que a natureza efêmera é própria da modernidade, e a moda representa o desejo de surpreender e de resistir numa busca incessante pela sensação do novo. Surge então a descoberta da capacidade que essa tem de antecipar as novas tendências “da arte, as novas legislações, guerras e revoluções” (p. 290). Dessa forma, como fica evidente no ensaio de Máira Zimmermann sobre o impacto da minissaia nos anos 60, a moda acompanha e por vezes ajuda a ditar transformações sociais.

Talvez a maior revolução social que *História e cultura de moda* registre e ajude a analisar é a de gênero, revelando a moda como um instrumento capaz de marcar as

diferenças entre homens e mulheres. Sendo assim, ao longo dessa leitura, inevitavelmente me remeti diversas vezes ao cultuado estudo de Jean Delumeau sobre a história do medo nas sociedades ocidentais do século XIV ao XVIII. Entre os grandes pavores da civilização, o historiador francês aborda profundamente o medo das trevas, da peste, das guerras e dedica especial atenção, na parte final de seu livro, ao medo dos agentes de Satã na terra, os judeus e as mulheres.

Delumeau promove uma análise da atitude masculina diante do feminino, ressaltando o movimento contraditório de oscilação entre atração e repulsa que sempre pareceu pautar essa relação. A beleza da mulher é associada à causa de diversos males, e é precisamente contra a moda que vários pregadores dos séculos XV e XVI bradam, condenando: “os ricos colares, as correntes de ouro bem atadas a seu colo assinalam que o diabo a tem e a arrasta com ele, atada e acorrentada”. Ou ainda: “Para se fazer ver pelo mundo [a mulher que não se contenta com trajes que convém a seu estado] terá toda espécie de vãos ornamentos: grandes mangas, a cabeça ataviada, o peito descoberto até o ventre com um *fichu* leve, através do qual se pode ver o que não deveria ser visto por ninguém” (DELUMEAU, p.478).

O temor do homem diante da sensualidade feminina potencializada pela roupa persiste através dos séculos e, como nos mostra a professora Rita de Cássia Farias em seu ensaio, ganha nova perspectiva quando a mulher se insere no mercado de trabalho. Remetendo-se a década de 1850, quando elas ainda permaneciam restritas ao espaço doméstico, limitadas a roupas incômodas que lhes tolham os movimentos, Farias nos conta que, impulsionadas por uma editora feminista a usarem um traje mais confortável<sup>29</sup>, precursor dos atuais terninhos femininos, as mulheres, ao adotarem as novas roupas, tornaram-se de imediato alvos da desconfiança masculina. Eles temiam (é exatamente essa

---

<sup>29</sup> Impossível não lembrar de Orlando, personagem que dá nome ao famoso romance de Virginia Woolf, que, em certo momento, ao mudar inexplicavelmente de sexo ao longo da narrativa, direciona justamente seu questionamento diante da nova condição através das roupas. Assim ela diz: “O homem tem a mão livre para pegar a espada, a mulher deve usar a sua para evitar que os cetins lhe escorreguem dos ombros”. O vestuário é identificado como um instrumento de opressão feminina. E a liberdade é necessária. Embora a roupa possua uma função social indiscutível, é preciso por vezes resistir e ter em mente que ela não é capaz de moldar nosso coração, nosso cérebro, nossa língua.

a palavra escolhida pela a autora) a libertação feminina e, “com o intuito de conter esse movimento, multidões de homens agressivos perseguiram e vaiavam as mulheres adeptas desse traje” (p. 63-64).

Voltando sua análise para o uniforme de aeromoças e funcionárias de uma siderúrgica, a autora escancara o poder da vestimenta em moldar as diferenças de gênero no cenário profissional. As primeiras, jovens e elegantes, são aceitas em sua beleza porque parecem funcionar como troféus para homens ricos, afinal eram eles os primeiros a utilizarem os aviões para viagens de negócios. O destaque na sensualidade, nos adverte Farias, unida ao exercício de servir as aproxima de papéis de submissão. Já na siderurgia, onde ocupam cargos normalmente vinculados ao universo masculino, as funcionárias, mascarando sua feminilidade, utilizam o mesmo uniforme que os homens. Nesse contexto, a mulher sensual volta a assustar, com justificativas de que pode dispersar os homens da função laboral ou ainda tornar o ambiente de trabalho absolutamente impróprio.

A questão de gênero é uma tônica neste livro e também um de seus trunfos. Os ensaios que o compõem parecem, dessa forma, complementarem-se, como se ajudassem uns aos outros a montarem um mosaico histórico, que sem dúvida, ganha uma de suas peças mais valiosas na adoção da questão da mulher e como a moda esteve vinculada a sua emancipação. Nesse sentido, o livro conta ainda com o ensaio da professora Maria do Carmo Rainho, que se debruça sobre a fotografia de moda focando exatamente em sua relação com a construção de gênero, em que aborda a fotografia do final dos anos 60 como libertadora do corpo da mulher, subvertendo o papel doméstico e, isso é importante, do homem provedor que não se preocupa com a aparência. É claro, e a autora ressalta isso em sua escrita, todas essas transformações foram possíveis graças à revolução sexual, à valorização da juventude encabeçada pelo movimento contracultural que começava a ganhar fôlego, mas é indiscutível que a fotografia de moda possuiu um papel de divulgador dessas tendências, ampliando seu alcance, ajudando a levar aos brasileiros a nova ordem das coisas.

Seguindo esteira semelhante, o ensaio de Ivana Simili aborda a construção da imagem de uma primeira-dama, Darcy Vargas, a partir de suas escolhas na moda. É interessante não apenas a seleção de fato inovadora do objeto de análise, mas sobretudo o ângulo a partir do qual a autora observa a figura de Darcy, considerando a transformação a que esta foi submetida, desembocando na preocupação em refletir o gosto das mulheres da época, dialogando com o cinema hollywoodiano e os periódicos americanos. Se a moda, como *História e cultura de moda* salienta em diversos momentos, pode ser espelho ou até mesmo combustível para revoluções, no presente caso ela vem no intuito de corroborar os hábitos de época. Para ser aceita (Darcy era também propaganda para o governo do marido), a primeira-dama deveria ter a imagem adequada ao momento histórico. A solução, portanto, como a pesquisa de Simili percebe, é a aposta em vestidos que trazem o significado do que é feminino, a docilidade, a delicadeza, o sentimentalismo. Constata-se, por fim, que a construção da fragilidade romântica dessa mulher tem propósitos políticos.

O livro, é preciso que se diga, trabalha no sentido de converter a moda, que é por sua natureza um dado externo, ligado aos aspectos sociais, em elemento interno para, a partir daí, se analisar os caminhos da história e da cultura, estabelecendo com essa abordagem fina sintonia com as análises de cunho sociológico de maior força. Diversas leituras seriam possíveis tendo como ponto de partida *História e cultura de moda*. Momentos culturais importantes da história nacional como a Tropicália e o impacto da bossa nova, analisado aqui através da personalidade de Nara Leão, marcam presença na obra. Estudos sobre o corpo e a imagem, assim como a utilização de periódicos para a pesquisa de moda também são temas contemplados na coletânea, o que me faz pensar que diversas resenhas, elaboradas segundo as mais diferentes perspectivas, poderiam ter ganhado vida a partir dessa leitura.

Essa constatação significa claramente que o livro logrou sucesso ao abraçar assuntos tão amplos como a história e a cultura. Sua organização foi bem sucedida principalmente por atingir o feito de reunir ensaios com abordagens diversas, mas que deliciosamente

dialogam entre si. Vale ressaltar ainda a reunião de jovens pesquisadores, ao lado dos mais experientes, contribuindo sem dúvida para a longevidade do estudo sociológico da moda. A excelência dos textos permite a recomendação de leitura para estudantes de moda, de história, de comunicação, pesquisadores, professores e demais interessados no assunto.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*: o pintor da vida moderna. Org. Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 – (Coleção Leitura).

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800*: uma cidade sitiada. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MATOS, Olgária. Amor e cidade, amor na cidade: Walter Benjamin. In:\_\_\_\_\_. *História viajante*: notações filosóficas. São Paulo: Studio Nobel.

WOOLF, Virginia. *Orlando*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.